

Cinema em Macau — Desde o Início do Século à Década de 30, Uma Narrativa de Henrique de Senna Fernandes

LURDES ESCALEIRA*, JORGE BRUXO**

RESUMO: O presente artigo parte da análise da obra de Henrique de Senna Fernandes, *Cinema em Macau — Desde o Início do Século XX até à Década de 30*, e tem como objectivo identificar as temáticas abordadas e o estilo de escrita. Publicada pela primeira vez nos anos setenta no jornal *Confluência*, é a sua obra menos conhecida, sugerindo o título tratar-se de uma pesquisa sobre o cinema em Macau, vertente assumida pelo autor que teve como fontes os jornais de Macau e de Hong Kong. Mas, se o cinema é o núcleo da narrativa, o autor revela-se apaixonado pelas pessoas, registando o impacto do cinema na sociedade e em Macau, como entidade colectiva, enriquecendo a narrativa com histórias de gentes da cidade cristã e do bazar chinês. E as coordenadas espaciais não se resumem a Macau, antes alastram ao Interior da China e à cidade de Hong Kong. Concluimos que o autor não se afastou do estilo e das temáticas dos seus romances e contos já que continua a focar-se nas vivências das pessoas em Macau e, daí, ser o cinema um pretexto que para revisitar os temas que perpassam toda a sua obra.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; Macau; Cidade cristã; Bazar chinês.

INTRODUÇÃO

Henrique de Senna Fernandes (HSF) é um escritor de Macau com produção literária consideravelmente bem divulgada,¹ tanto junto do público português como do chinês,² podendo ressaltar-se que as suas obras mais estudadas são os romances como *Amor e Dedinhos de Pé*, *A Trança*

Feiticeira e alguns dos seus contos, incluídos nas obras *Nam Van: Contos de Macau* e *Mong-Há*, sendo as restantes relativamente pouco conhecidas, nomeadamente o *Cinema em Macau — Desde o Início do Século XX até à Década de 30*.³

Este artigo incide precisamente sobre o *Cinema em Macau*, a obra que, nos anos setenta do século XX,

* Lurdes Escaleira é doutorada em Didáctica de Línguas pela Universidade do Porto. Actualmente, é professora na Universidade Politécnica de Macau.

Lurdes Escaleira holds a Ph.D. in Didactics of Languages at the University of Porto. She is currently a professor in the Macao Polytechnic University.

** Jorge Bruxo é mestre em Língua e Cultura Portuguesa pela Universidade de Macau. Actualmente, é professor aposentado da Universidade Politécnica de Macau.

Jorge Bruxo received his M.A. in Portuguese Language and Culture from the University of Macau. Currently he is a retired professor in the Macao Polytechnic University.

foi publicada em fascículos no jornal *Confluência*⁴ e, posteriormente na década de noventa do mesmo século, na *Revista de Cultura* do Instituto Cultural de Macau em três artigos, ambos em português ou em inglês e dois outros em chinês.⁵ Em 2010, a totalidade desta obra foi editada, pelo Instituto Internacional de Macau, em dois livros, um em português e outro com a versão da tradução para inglês.

Sobre o autor destacamos a sua ligação à imprensa escrita, uma constante ao longo da sua vida, tendo colaborado com os jornais locais, tais como *A Voz de Macau*, *Notícias de Macau*, *O Clarim*, *Gazeta Macaense* e *Ponto Final*, bem como com as revistas, *Mosaico* e *Revista de Cultura*. Fica claro que HSF era uma pessoa atenta ao que estava sendo publicado, baseando predominantemente a sua pesquisa sobre cinema em artigos de jornais, revistas especializadas e nos programas e anúncios dos espaços culturais de Macau.

É óbvia a sua paixão pelo cinema, no entanto, não se assume como um crítico de cinema, embora tenha desempenhado esse papel na Emissora de Radiodifusão de Macau⁶ tendo descrito os locais onde eram exibidos os filmes e as actividades lúdicas complementares oferecidas ao público da época, reflectindo ainda sobre o impacto que a ' sétima arte ' teve na sociedade de Macau.

A análise do *Cinema em Macau* permite afirmar que o grande denominador desta obra é o lúdico e o seu reflexo social em Macau, uma cidade com duas comunidades que apesar de serem culturalmente diferentes, coexistiam pacificamente.

As crónicas foram inicialmente publicadas no jornal *Confluência* entre 1976 e 1977. Elas foram posteriormente revisadas quando publicadas na *Revista de Cultura* nos anos de 1991, 1994 e 1995, enquanto o autor ainda estava vivo, ao contrário da sua publicação em livro, que ocorreu de forma póstuma. Esta atitude foi contrária à tomada na segunda edição de *Nam Van: Contos de Macau*, em

que o autor sustentou que o texto inicial não deveria ser retocado nas sucessivas edições, uma vez que devia continuar a expressar a época em que foi originalmente concebido, tendo HSF escrito na 'Nota de Abertura' que: '[A]lterar uma linha que fosse induzir-me-ia, a pouco e pouco, a modificar o resto. Não seria justo nem correcto.'⁷

A reunião em livro deste conjunto de crónicas é, em si mesmo, de louvar, já que contribui para melhor preservar a memória das primeiras décadas do século XX em Macau e para alargar a divulgação da obra literária de HSF, que é, sem dúvida, o mais relevante escritor de Macau em língua portuguesa. Consideramos ser esta uma edição com bom grafismo, destacando, no entanto, a falta de índices, pelo menos um índice geral e um de gravuras, o que muito facilitaria a leitura e a pesquisa. Para além disso, de notar que nos artigos publicados na *Revista de Cultura* foram introduzidas algumas alterações ao texto, como por exemplo:

*No fim do ano de 1933 [...] No dia 1 de Janeiro de 1934, o Governador Bernardes de Miranda fala pela primeira vez na rádio. Inaugura, assim, a longa sequência das mensagens dos governadores nessa época festiva que dura até aos nossos dias.*⁸

Sendo que no livro foi escrito o seguinte:

*No fim do ano de 1933 [...] No dia 1 de Janeiro de 1934, o Governador Bernardes de Miranda fala pela primeira vez na rádio. Inaugura, assim, a longa sequência das mensagens dos governadores nessa época festiva que durou até aos fins da administração portuguesa.*⁹

Acreditamos que as modificações textuais não deveriam ter ocorrido, enfatizando a importância de manter o texto original.

COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES

TEMÁTICAS FOCADAS NO LIVRO *CINEMA EM MACAU*

São várias as temáticas abordadas, sendo que, no decurso da obra, o autor ao apresentar temas diferentes, por vezes, começa por insinuar a necessidade de separar certas matérias de outras, escrevendo por exemplo: ‘Mas antes de entrarmos no capítulo do cinema sonoro vamos dar uma resenha.’;¹⁰ ‘No capítulo do desporto’;¹¹ ‘Abrimos agora um interregno’.¹² Eles são marcadores principalmente usados para introduzir acontecimentos relevantes de Macau.

O *Cinema em Macau*, além de título, é também o tema central desta obra, que está dividida em dois momentos: cinema mudo (Parte I — O tempo do mudo) e cinema sonoro (*talkies*) (Parte II — A emoção do sonoro: 1930–1931 e Parte III — 1932–1936). E dado tratar-se de uma narrativa em forma de crónicas, na nossa perspectiva, melhor seria que o texto das primeiras trinta páginas da parte II integrassem a parte I, uma vez que o período abrangido por estes textos deve ser tratado na parte I.

No início do *Cinema em Macau*, o autor afirma não ter conseguido ‘averiguar quando teria sido, entre nós, inaugurado o primeiro cinematógrafo, nem qual a reacção da população perante a primeira exibição de tão fabuloso entretenimento’,¹³ mas conclui afirmando que ‘os primeiros passos do *Cinema em Macau* devem ter sido muito precários e incertos’, porque em Macau como em todo o mundo o ‘cinema principiou sem ostentar a categoria de arte’. No início, o cinema ‘[e]ra uma diversão desprezada, qualquer coisa equiparada a exibição de saltimbancos, apresentado em barracões de feira, que se admirava com curiosidade despicienda e sorriso desdenhoso, e de que até se tinha vergonha de falar’.¹⁴ Acrescenta que apesar dos bilhetes serem baratos os cinemas tinham que incluir outras atracções, porque os filmes, não captavam o público e ‘o cinema [...] não possuía direitos de cidadania’.¹⁵

A primeira parte desta obra incide sobre o ‘cinema mudo’ e o modo como este teve impacto na

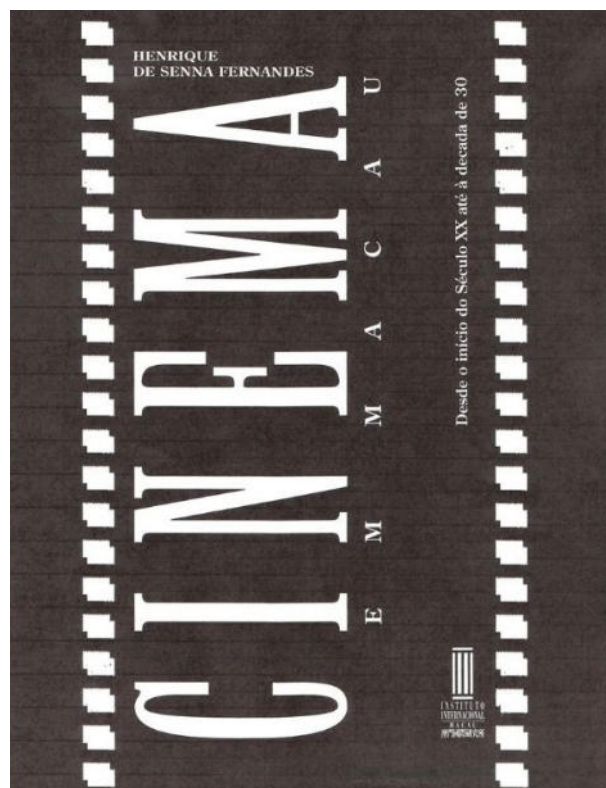


Fig. 1: Capa do livro de Henrique de Senna Fernandes, *Cinema em Macau: Desde o Início do Século XX até à Década de 30*. Macau: Instituto Internacional de Macau, 2010.

sociedade de Macau; a segunda parte começa com uma resenha do que foi Macau ‘nos últimos anos da década dos 20 e nos dois primeiros anos 30’¹⁶ e leva o leitor a conhecer os desafios da transição do mudo para o sonoro. Descreve uma fase em que o mudo entrava em agonia sem que Macau se desse conta, mas quando Hong Kong já se preparava para o sonoro. Faz uma análise de filmes da época da transição, apresenta actores e as suas tentativas de se adaptarem ao sonoro, uns com mais sucesso do que outros, tendo alguns fracassado totalmente, como foi o caso de John Gilbert.¹⁷

Neste contexto, ‘[c]omo respondeu Macau à nova viragem do cinema?’¹⁸ Os primeiros filmes sonoros exibidos em Hong Kong atraem muitas pessoas de Macau que então tinham de enfrentar barreiras como viagens de quatro horas de *ferrie*

CENTENARY COMMEMORATION OF HENRIQUE DE SENNA FERNANDES'S BIRTH

para cada lado. O próprio autor ainda se recorda do primeiro filme sonoro que viu com a família em Hong Kong e o encantamento do pai porque se podia 'ouvir e perceber tudo'.¹⁹

Refere a forma como o aparecimento e florescimento dos *talkies* veio marcar o ritmo de Macau, tendo-se tornado 'a conversa do dia nos clubes, nas reuniões familiares, nas ruas', sendo responsável pela ida de dezenas de pessoas a Hong Kong apenas com o intuito de 'ver *talkies*'.²⁰ Por fim, na terceira parte, o autor evoca uma época de filmes que classifica de 'inolvidáveis' e 'admiráveis'.²¹ É neste período temporal, 1932–1936, que são exibidos 'os chamados filmes biográficos, tais como *Cleópatra* e *O Conde de Monte Cristo*'.²²

Se a obra se concentra em abordar o cinema a partir da perspectiva dos filmes exibidos em Macau, e ocasionalmente em Hong Kong, HSF também direciona seu olhar atento para os cineastas. Ele os menciona em ordem cronológica de sua aparição, às vezes com uma certa incerteza em relação às datas. Para além disso, ele destaca as condições desconfortáveis das instalações, reproduz cartazes de filmes e notícias dos jornais da época, revelando preços e estratégias de sobrevivência das empresas cinematográficas.

Conclui afirmando que: 'todos os cinematógrafos de há sessenta anos não passavam de sórdidos barracões nada convidativos para os *tai-páns* e os elegantes da época'.²³ Em contraste, em 1911, Hong Kong já dispunha de salas de cinema, como o *Victoria Theatre*, explorado por Ramos & Cia, 'com todos os requisitos modernos, boa ventilação, ótimas acomodações e iluminado a luz eléctrica, como dizia uma crónica coeva'.²⁴

Depois do '*Chip Seng*, situado na Rua da Caldeira',²⁵ o mais antigo cinematógrafo de que há notícia, assistiu-se a um dinamismo empreendedor, registando-se em Macau o aparecimento de um número considerável de outros, nomeadamente os seguintes: *Cheng Peng* na travessa do Aterro Novo, o *Hoi Keang*, à

Praia do Manduco, o *San Kio*, na Almirante Lacerda, e o *Iün Iün*, na Avenida Almeida Ribeiro, o *Tin Lin*, no Largo de Hong Kong Mio (1909), Vitória (1910), 'o mais antigo', na Rua do Dr. Soares, antigamente Rua da Cadeia; cinematógrafo de Macau — Chan, Silva & Cia, instalado no edifício do Teatro D. Pedro V, Novo Teatro de Macau (1919), *Long Tin Mong Toi* (1927), Presidente, Teatro Capitol (1931), *Carlton Theatre* (1932) e Teatro Nanquim.²⁶

Para além destes, considera que: '[O]utros cinematógrafos teriam existência, mas deles não encontramos rastros, a não ser uma vaga referência a um tal Olympia, situado na Rua do Hospital, agora Rua Pedro Nolasco da Silva',²⁷ constatando que alguns houve muito efêmeros, como o Clube dos Amigos de Equitação de Macau.

A inauguração do primeiro cinematógrafo de pedra e cal, o Vitória, é referido como um facto revelador de um público mais exigente e do reconhecimento do cinema como uma arte cidadina. Mas, o aparecimento do sonoro trouxe dificuldades acrescidas porque exigiam novos equipamentos e o 'Presidente e o *Long Tin Mon* fecharam as portas, ficando sozinho o Vitória'.²⁸

No entanto, surgiu um grupo empreendedor de chineses e portugueses que construiu o Teatro Capitol, com entrada em funcionamento no dia 13 de Abril de 1931. Era um edifício exclusivamente destinado ao sonoro que foi solenemente inaugurado com a presença do governador e da elite local, tendo havido discursos, brindes com champanhe, e depois 'de se ouvir um pequeno concerto da Banda Municipal, estreou-se o filme, ficando toda a assistência maravilhada com o som. A aparelhagem sonora do Capitol era impecável'.²⁹ 'Agora sim que Macau também se podia orgulhar de ter duas casas de cinema sonoro!'³⁰

As sérias dificuldades financeiras existiam, na opinião do autor, sobretudo porque 'os chineses não auxiliavam este género de espectáculos',³¹ como aconteceu com o Novo Teatro de Macau que teve vida

COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES



Fig. 2: Cinema Capitólio (edifício em 2023). Imagem de Lurdes Escaleira.

curta e, em finais de 1920, face ao seu encerramento *O Macaense* escrevia: ‘Desgraçada terra esta onde raras são as boas iniciativas que não baqueiam.’³² Esta circunstância é um assunto destacado nesta obra, já que o autor tece considerações sobre o empreendedorismo em Macau de algumas figuras locais, tanto chineses como macaenses, e desabafa revelando o seu desencanto face às dificuldades encontradas por estes projectos que não vingavam muito tempo e rapidamente acabavam destruídos.

Na luta pela sobrevivência destaca-se o despique entre os cinematógrafos Vitória e Capitol, os mais duradouros e de maior dimensão, descritos de forma recorrente e usando uma estratégia comparativa para realçar as vantagens e desvantagens de cada um destes espaços de entretenimento, questionando: ‘Quais eram as preferências do público: O Capitol ou o

Vitória? A resposta é difícil. Qualquer das duas casas de cinema esforçavam-se por apresentar os melhores filmes,³³ ‘[...] o Vitória, em franca competição com o Capitol’,³⁴ ‘O Capitol não permanece atrás com a casa rival’.³⁵

Relativamente às estratégias de gestão surge como a mais visível o facto de os cinematógrafos, perante a dificuldade de atraírem público para o cinema, terem optado por diversificar a oferta integrando actividades complementares ao gosto dos diferentes públicos: acrobatas e prestidigitadores, campo de patinagem coberto (anexo ao cinematógrafo Vitória), hipnotismo, música, toda uma panóplia de atractivos para agradar ao público e atrair os espectadores ao cinema. Apesar de todas as estratégias de *marketing*, com os jornais a publicitar tudo quanto acontecia nas casas de cinema, e do grande entusiasmo do público pelo cinema, Senna Fernandes insiste na persistência de dificuldades financeiras que levaram ao encerramento de alguns dos cinematógrafos. Acresce que eram módicos os preços dos bilhetes e havia várias sessões diárias, permitindo harmonizar os diferentes horários de cada um com as idas ao cinema.

MACAU DO INÍCIO DO SÉCULO XX

A cidade de Macau é também eleita como protagonista central onde quase tudo se desenrola, um espaço que respira o ritmo das suas comunidades e que vai reagindo aos ventos de mudança que vão soprando de fora, umas vezes reagindo imediatamente e noutros casos vivendo alheada do que acontecia ao seu redor, só acordando quando os acontecimentos tomavam dimensões de tal ordem que era impossível serem ignorados.

A Macau dos primórdios do cinema, nas três primeiras décadas do século XX, foi marcada por vários acontecimentos de relevo que influenciaram a sociedade da época. No início do século assiste-se à instalação da iluminação eléctrica, acontecimento que gerou uma acesa discussão entre os que eram a favor

CENTENARY COMMEMORATION OF HENRIQUE DE SENNA FERNANDES'S BIRTH



Fig. 3: Cinema Vitória nos finais dos anos 20, fotografia da colecção particular do Dr. João Loureiro. Fonte: Henrique de Senna Fernandes, "O Cinema em Macau: O Tempo do 'Mudo' I." *Revista de Cultura* (Edição Portuguesa), n.º 16 (1991), 31–62.



Fig. 4: Cinematógrafo Vitoria, dos anos 30. Fonte: Henrique de Senna Fernandes, "O Cinema em Macau II: 1930-31 A Emoção dos Sonoro." *Revista de Cultura* (Edição Portuguesa), n.º 18 (1994), 183–216.

e aqueles que eram contra por considerarem ser 'um luxo supérfluo' e um 'esbanjamento' iluminar as ruas que a partir das 10 ou 11 da noite eram frequentadas 'apenas por uns vadios ou jogadores retardatários'.³⁶ Mas anote-se que relativamente a esta questão houve comportamentos similares em praticamente todo o mundo. Por exemplo, também nos primórdios do século XX, em Lisboa se perguntava se não era aventureirismo instalar-se em Belém uma central térmica de produção de energia eléctrica quando ainda não havia suficientes estudos para determinação dos males que esse 'fluido' poderia causar à saúde dos habitantes da capital.

Em 1921, a cidade cristã foi agitada pela campanha eleitoral para a eleição do senador e do deputado que iriam representar Macau nas Cortes

Portuguesas, em São Bento. Refere ainda que quem, após algumas peripécias, acabou por ascender ao lugar de senador foi o oficial da marinha Henrique Valdez que nas suas intervenções procurou 'quebrar a indiferença e ignorância metropolitanas acerca deste território'.³⁷ Já no ano de 1922 foi marcado pelo incidente de *Chip Seng*³⁸ e pela greve geral que afectaram profundamente as relações entre portugueses e chineses, tendo o Vitória sido o alvo de um ataque bombista. Este ano também ficou marcado pela Travessia aérea do Atlântico Sul, realizada por Gago Coutinho e Sacadura Cabral, que o autor considera um feito que encheu de orgulho as comunidades portuguesas de Macau, Hong Kong e Shangai³⁹ e que contribuiu para o restabelecimento da tranquilidade em Macau.

No respeitante ao ano de '1927 reinava em Macau um largo optimismo' e 'o reflexo do mundo em prosperidade chegava até aqui',⁴⁰ a indústria de pesca estava em crescimento, foi organizada e inaugurada 'a primeira e única Feira Industrial',⁴¹ afirmando que: '[A] feira e o porto de grande cabotagem marcavam o começo duma nova era'.⁴² Por seu turno, a inauguração, em 1928, dos Hotéis Riviera e *President* (mais tarde Hotel Central), este último 'o primeiro arranha-céus'⁴³ de Macau, eram augúrios de um futuro desenvolvimento do turismo, centrando-se a discussão em torno da modernização de Macau 'para o transformar em burgo activo de arcabouço americano'.⁴⁴ Foi também nessa altura que foi concluído o novo edifício 'dos Correios e Telégrafos, no Largo do Senado, considerado na altura majestoso e pleno de modernidade'.⁴⁵ Ainda em finais de 1928 assiste-se às inaugurações do cabo submarino para a Taipa, ao início dos serviços radiotelegráficos e à entrada em funcionamento da Central Telefónica Automática.

Em 1929, o ambiente económico era de optimismo, com as corridas de cavalos a afirmarem-se como factor de relevo para o turismo. Neste ano surge o primeiro troço de 8 quilómetros de estrada macadamizada Macau-Seac Ki, construída em terra

COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES

vizinha, com a colaboração das autoridades chinesas desse território, facilitando assim as relações comerciais e turísticas com essa região da Província Chinesa de Guandong. A companhia de autocarros *Kee Kuan* iniciou então a ligação rodoviária com aquele território, tendo esta também possibilitado que dezenas de automóveis atravessassem a fronteira transportando veraneantes e caçadores, sobretudo aos sábados e domingos, para fazerem piqueniques e caçadas às rolas, perdizes e narcejas e pescarias à ‘asa vermelha’. Anota-se que em *Os Dores* o enredo começa precisamente com uma pescaria para os lados de Coloane e um piquenique. Estes passeios e piqueniques fazem parte das memórias do autor: ‘Ainda nos lembramos desses passeios. Visitámos muitas localidades [...]. Na nossa memória ficaram as merendas’.⁴⁶ E também se refere aos ‘piqueniques às praias, as que havia em Macau e fora de portas, as caçadas e os passeios à terra China’.⁴⁷

Na área do desporto, tanto em 1928 como no ano seguinte, reinou o dinamismo: hóquei e futebol, mas supremacia do ténis ‘com os campeonatos do Ténis Civil e do Ténis Militar e o Grande Torneio de Ténis Shangai-Macau’.⁴⁸ ‘É o apogeu das corridas de bicicleta’,⁴⁹ cujo percurso se estendeu até *Tong-Ká*, no interior da China, corridas de cavalos e corridas de automóvel do Grande Prémio. A propósito do Grande Torneio de Ténis o autor refere que os visitantes conheceram ‘o melhor da hospitalidade macaense’,⁵⁰ sendo este aspecto da hospitalidade referido várias vezes a propósito da vinda de equipas desportivas, de actores ou de outras personalidades a Macau.

Relativamente ao hóquei iniciou-se, nessa época, a preparação da ‘grande geração de hoquistas que tanto honrariam Macau. O futebol era marcado pelo Argonauta, pelo Tenebroso e pela equipa da Sociedade União Recreativa’.⁵¹

HSF faz várias referências à actividade desportiva em Macau, afirmando que durante os anos de 1927–1930 ‘havia uma actividade intensa’,⁵² organizando-se campeonatos de ténis, corridas de ciclismo que diz

terem contribuído para as boas relações entre Macau e a ‘terra China’,⁵³ regatas e futebol, entre outros desportos.

Em 21 de Setembro de 1929 foi inaugurado o Balneário-Restaurante Costa de Jade, situado na Baía do Pac On, na ilha da Taipa, tendo-se tornado moda ir de barco até aí para passeios, banhos, ‘festas, jantares à americana, animados pela orquestra de “jazz” de João Franco’.⁵⁴ Ainda no ano de 1929 assinalou-se o início do sonoro e consequente queda e ascensão de actores que tinham sido estrelas no cinema mudo e que agora precisavam de se adaptar à nova realidade. Em Macau, ‘[n]os princípios de 1930, devido à maciça propaganda nas revistas cinematográficas, que eram lidas e relidas por imensos cinéfilos’,⁵⁵ pairava um ambiente de curiosidade e atenção ao que se estava a passar em Hong Kong em termos de *talkies* e o sucesso do sonoro conduziu a Hong Kong um grande número de pessoas, e, a euforia da sua chegada a Macau passou a ser o tema de conversa nos clubes, nos encontros e nas ruas. ‘A curiosidade era insaciável e parava-se [...] para se escutar o som que vinha de dentro do cinema. Havia quem colasse o ouvido nas portas, comentando — Já há sonoro em Macau’.⁵⁶ Esta foi uma época em que em Macau se viveu um optimismo contrastante com o contexto internacional, nomeadamente acontecimentos como a Guerra Civil na China, a invasão japonesa da Manchúria e o Crash na Bolsa de Nova York e consequente Depressão. Tais instabilidades não mostravam perturbar Macau e Hong Kong (onde estranhamente a Bolsa continuava em alta) e HSF descreve Macau como um oásis num mundo em ebulição com conflitos armados e depressões económicas. Os efeitos dessas crises não se repercutem imediatamente em Macau, que vive dias felizes, mas acabam por manifestar-se ao retardador. E, a propósito, anota-se que ao referir-se ao Crash da Bolsa de Nova York, em 24 de Outubro de 1929, escreveu ‘terça-feira’ quando devia mencionar ‘quinta-feira’.

CENTENARY COMMEMORATION OF HENRIQUE DE SENNA FERNANDES'S BIRTH

No que concerne à estrutura social da Macau do início do século XX, também aqui se evidencia, a bipolaridade social e cultural de Macau dividida em comunidade cristã e comunidade chinesa ou bazar, sendo esta uma visão que aparece de forma constante em toda a obra de HSF. A forma como chineses e portugueses aderiram ao cinema é reveladora da convivência pacífica, mas com reacções substancialmente diferentes, reflectindo-se até na escolha das sessões dos cinematógrafos, sendo algumas, como era o caso da sessão das sete e meia da tarde no Vitória 'quase exclusivamente frequentada por chineses'⁵⁷ e outras, como as sessões das nove e meia da noite no mesmo cinematógrafo, frequentadas 'de preferência pelos portugueses'.⁵⁸ O *Cheng Peng*, 'teatro retintamente chinês [...] era o cartaz favorito da população do bazar'.⁵⁹

O preço dos bilhetes revela uma forte divisão social, tentando os gerentes dos cinematógrafos atrair todos, incluindo 'o frequentador mais mísero' que apenas conseguia pagar para assistir 'atrás do palco'⁶⁰ e ainda havia os que recorriam a estratégias para ver os filmes à borla.

O autor fala também das dificuldades linguísticas (assunto também referido em outras obras de HSF) relatando que, como poucos chineses conseguiam entender as legendas em inglês do filme mudo, 'havia um cavalheiro que, em voz alta, ia explicando o enredo em cantonês',⁶¹ salientando que este nem sempre fazia uma tradução literal, acrescentando as suas próprias expressões e entoações em conformidade com a cena exibida no ecrã.

No *Cinema em Macau* o autor faz várias referências à comunidade portuguesa de Hong Kong, destacando algumas personalidades, os jornais ali publicados em língua portuguesa e alguns dos seus hábitos, como quando afirma que a comunidade portuguesa de Hong Kong elegeu como preferenciais o *Victoria Theatre* e o *Bijou Scenic Theatre*. Macau também tem uma forte ligação à comunidade portuguesa de Shangai e

'[q]uando rebentaram os primeiros explosivos'⁶² em resultado da invasão japonesa da 'Paris do Extremo Oriente' e se começou a sentir a eminência da catástrofe, '[e]m Macau, a emoção é profunda. Shangai tinha uma comunidade portuguesa enorme, tão grande ou maior que a de Hong Kong. [...] Na verdade não havia uma família em Macau que não tivesse os seus parentes a viver em Shangai, pois era um dos pontos do globo para onde se escoava, em grande número, a emigração macaense'.⁶³

O autor alude ainda aos artistas portugueses da metrópole que se deslocam a Macau, como o actor Silva Sanches e o tenor lírico Lomelino de Silva, um 'homem de fino trato'⁶⁴ que veio integrado no elenco da Tournée Teatral Portuguesa às Colónias, manifestando o seu desagrado pela atitude de superioridade que Silva Sanches evidenciava '[c]omo se esta boa terra de Macau fosse uma aldeia de labregos que teria que aprender com ele as coisas de teatro, esquecido de que estávamos habituados às récitas e concertos do Teatro D. Pedro V, onde se ia de casaca ou de 'smoking'.⁶⁵ HSF também revelou apreço pelo elenco da Tournée Teatral Portuguesa às Colónias que nas suas récitas integrou amadores de Macau e contribuiu para a formação de um grupo local de actores de teatro de grande qualidade, que uns anos mais tarde formariam a Academia de Amadores de Teatro e Música,⁶⁶ onde o gosto pelo teatro permaneceu bem vivo.

Senna Fernandes destaca que '[f]ora do espectáculo cinematográfico, Macau tinha outras distrações',⁶⁷ transmitindo a visão de uma intensa vida social e cultural, focando quase sempre os entretenimentos da cidade cristã, em que por vezes a sua família e ele próprio participavam. Nos seus comentários há detalhes que transmitem ao leitor informações sobre os hábitos da sociedade macaense, por exemplo, através de um breve comentário, informá-nos sobre o costume de as senhoras de Macau rumarem a Hong Kong para fazer compras, procedimento que foi interrompido pela atracção do cinema. Reporta

COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES

a importância social e cultural dos espectáculos no Teatro D. Pedro V, como ballet, revistas, teatro, óperas, operetas, e concertos musicais, destacando as récitas feitas por amadores, referindo nomeadamente ‘*A Ceia dos Cardeais* de Júlio Dantas, levada à cena em 30 de Abril de 1905 e cuja estreia tanta celeuma suscitou em certos sectores da cidade’.⁶⁸

Recepções em casas particulares com serões com música, poesia e jogos de Bafá e Gamão, são tema que também se encontra em *Amor e Dedinhos de Pé*, sublinhando-se que os dois principais protagonistas deste romance, Francisco Frontaria e Victorina Vidal, se conheceram num baile que decorreu durante um serão. Macau é palco de festas de aniversário, casamentos, baptizados, *soirées* no Clube de Macau e no Grémio Militar, clubes de ténis, piqueniques nas praias de Macau e ‘fora de portas’, caçadas e passeios à ‘terra China’. E em certas noites a Banda da Guarnição ou a Banda Municipal animavam os jardins Vasco da Gama e S. Francisco, ou tocavam diante do Palácio do Governo.

É uma época em que o teatro, a ópera (italiana) e a música em geral atraem, porque ‘a gente de Macau gosta de música’,⁶⁹ tendo os filmes influenciado os gostos musicais, no que respeita ao jazz (*Follies of 1929*), tango (*Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse*) e bolero (*Bolero*). Por exemplo, a valsa Pagan *Love Song* da banda sonora do filme *Ramona* foi repetidamente cantada pelos alunos da Academia do Liceu, nomeadamente no Jardim Vasco da Gama. E as fitas cinematográficas também influenciaram no que respeita à dança, como a valsa e o tango, sendo oportuno que a este propósito se mencione o par Fred Astaire-Ginger Rogers, sendo ele mundialmente considerado o melhor bailarino de sapateado de sempre, referindo-se ainda que *Top Hat* e *The Gay Divorce*, dois dos filmes em que o par dançou e foram exibidos no Capitol, apresentaram canções que em Macau se tornaram populares. Os filmes musicais fizeram crescer a procura de discos, grafonolas, gramofones e rádios,

ficando a gente de Macau a conhecer as ‘novidades musicais de dança, quase todas inspiradas nos filmes’.⁷⁰ Por isso os cinematógrafos usam a realização de espectáculos musicais como isco para atrair clientela. Uma outra actividade que agitava Macau eram os Grandes Combates de Boxe, dando conta dos nomes de lutadores de Macau que despertaram um grande interesse junto do público que seguia com entusiasmo esses espectáculos.

No aspecto religioso destacavam-se as procissões de Nossa Senhora de Fátima, do Senhor dos Passos e a de Santo António, que traziam a Macau os portugueses de Hong Kong e um número considerável de outros visitantes. Estas celebrações tinham impacto na selecção de filmes do Vitória, que na ocasião da Páscoa apresentava filmes religiosos, como *Os Dez Mandamentos*, o *Ben Hur* e o *Rei dos Reis*, narrando a paixão de Cristo, que foi alvo de várias ‘reprises’ e, no meio de uma das sessões, arrancou o suspiro de uma velhinha que ‘não resistiu e rompeu num pranto dilacerado, murmurando comovidíssima; ‘Ai, qui igual Jesus!’.⁷¹

Das festas pagãs, o Carnaval (um tema também referido noutras obras de HSF) é descrito, com entusiasmo e com algum pormenor, falando das tradições como bailes, tunas, ‘assaltos’, e da influência que o cinema exerceu a nível dos disfarces e das músicas carnavalescos. Aparecem várias referências e descrições dispersas sobre o Carnaval em vários anos, encontrando-se repetições das mesmas ideias.⁷² Outra tradição de Macau era o lançamento dos *sarangons*, papagaios de papel, uma actividade ao ar livre, contrastando com actividades de salão, como era o caso do *bridge* e do bilhar no Clube de Macau.

Para além da intensa vida social e do optimismo a nível económico, desta obra ressalta, sendo várias vezes referido principalmente na parte II, o espanto do autor perante a atitude de Macau e de Hong Kong, que se encontravam muito virados para si próprios. Destaca que Macau se concentrava nos seus

CENTENARY COMMEMORATION OF HENRIQUE DE SENNA FERNANDES'S BIRTH

sucessos, alheando-se ou rapidamente esquecendo os sinais de alerta, como as graves crises, guerras e quedas da bolsa, que se iam sucedendo no contexto internacional, por vezes mesmo às 'portas' de Macau, no País do Meio com o belicismo dos senhores da guerra e dos Japoneses, primeiro na Manchúria e depois em Shangai. Vejamos alguns exemplos: '[A]s notícias são sombrias, nos últimos dias de Dezembro de 1931. Mas a inauguração das corridas de cães [...] fazem ofuscar momentaneamente as apreensões.'⁷³ 'Ninguém se preocupava com os acontecimentos da China, onde a guerra civil lavrava [...]'⁷⁴ nem com os avanços dos japoneses; em Julho de 1931 'deu-se um facto em terra longínqua que iria alterar a nossa vida de dias fáceis e ligeiros',⁷⁵ o assassinato do capitão japonês Nakamura na Manchúria, mas em Macau o tema do dia era o encerramento do Capitol. Em 1932, Macau gozava de uma vida tranquila, preparava-se para os festejos de Carnaval, a guerra parecia distante e até o jornal *A Voz de Macau* dedicava uma coluna a uma figura popular, o Calito Maluco, *Calito-Tão-Kai* (Calito que furta galinha); 'Macau vivia na sua beatífica despreocupação',⁷⁶ e a 22 de Setembro de 1931 a atenção dos Portugueses estava centrada na vinda a Macau do actor Silva Sanches. 'A guerra Sino-Nipónica, ainda muito longínqua, não parecia afectar Macau nem Hong Kong. [...] Macau estava entretido noutro acontecimento: o campeonato de ténis';⁷⁷ 'Tudo isto, no entanto, não perturbava a calma e pasmaceira de Macau, como factos decorrendo em outros mundos'.⁷⁸ Apesar das tragédias ocorridas em 1931, o tufão de 19 de Abril e a explosão do paiol da Flora em 13 de Agosto, 'Macau volta à sonolência de pequeno burgo mediterrânico',⁷⁹ 'a população de Macau [...] mais preocupada com os resultados do *che tam* do que com as notícias internacionais',⁸⁰ 'Macau conhece estas notícias, mas não se alarma'.⁸¹

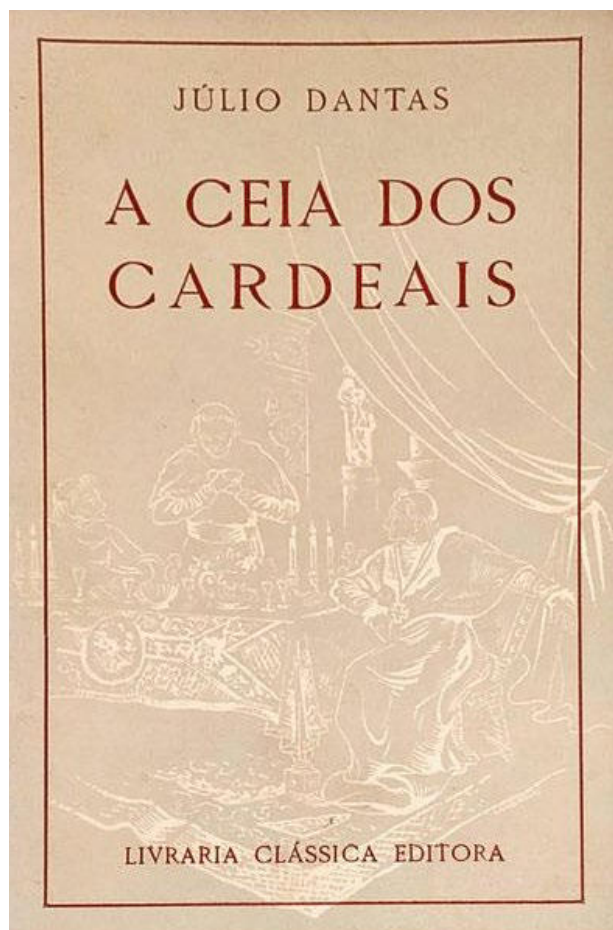
Já quanto às personalidades da vida social de Macau da época retratada, o autor faz referência à

elite governativa (governador e outros representantes do governo), empreendedores das comunidades cristã e do bazar, actores macaenses (récitas e música), desportistas, homens de letras (escritores e colaboradores de jornais), etc. Refere especialmente que no dia 30 de Dezembro de 1931 morreu Manuel da Silva Mendes, 'um amigo de Macau e das suas gentes, espírito culto e refinado, cuja obra é leitura obrigatória para quem queira conhecer Macau';⁸² Filipe Hung, na gerência do Vitória em 1919, 'generoso e profundamente católico'⁸³ oferecia o produto de algumas sessões cinematográficas para beneficiência ou às associações desportivas.

A referência a Silva Mendes como um amigo de Macau faz transparecer a divisão social existente mesmo no seio da comunidade portuguesa, realçando a distinção entre os filhos da terra (macaenses) e os portugueses da metrópole, visto que estes, mesmo os que se radicaram em Macau e deixaram uma marca cultural e intervenção social importantes para Macau, sempre foram considerados um grupo distinto e nunca foram plenamente integrados na comunidade macaense.

Aborda o autor ainda as questões da superstição oriental, acontecimentos vistos como augúrio de futuros acontecimentos negativos e, por outro lado, a crença da cidade cristã que Macau, uma cidade dedicada à Virgem Maria, tinha protecção divina, como descrito no caso da explosão do Paiol da Guia, a 13 de Agosto de 1931, em que afirma ter sido uma enorme tragédia, mas que se não fosse a sempre presente 'protecção divina' teriam sido muito maiores os efeitos nefastos e isto é algo que constantemente se verifica na história de Macau 'a crença devota da gente macaense atribui isto a um milagre de Nossa Senhora, que surge sempre quando uma grande crise ou uma terrível provação se abate sobre esta Cidade do Nome de Deus'.⁸⁴ Quando fala da meningite que assolou Macau diz que '[n]o meio do infortúnio geral, a terra do Nome de Deus ainda era a mais poupada'.⁸⁵

COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES

Fig. 5: Capa de livro *A Ceia dos Cardeais* de Júlio Dantas, 2013.

Tal como acontece na restante obra, em *Cinema em Macau* também são focadas as gastronomias macaenses, portuguesas e chinesas, indicando-se alguns pratos típicos e os locais onde eram habitualmente servidos: comida portuguesa — nos restaurantes Casa do Povo, *Fat Siu Lau*, pensão Aurora Portuguesa, Leitaria macaense, *United States* (famoso pelo arroz de galinha). Relativamente ao chá gordo, um estilo gastronómico tipicamente macaense, refere que este era servido em eventos considerados de alguma relevância social. A propósito da visita do tenista Henri Cochet destaca que o *chá* que lhe foi oferecido ‘revelou ao francês a fina elegância da sociedade macaense de então.’⁸⁶

A Pastelaria As Delícias é descrita como local de encontro das elites macaenses (situação idêntica é também referida em *A Trança Feiticeira*) não se indo aí apenas para tomar um café ou comer um bolo, mas principalmente para ficar a par das notícias, para conviver, e até para namorar.

O hábito do jogo é uma referência constante e aquando da abertura do *Hotel President*, há indicação de que neste estava instalada uma sala de jogos com mesas de *fantan* e *ku sek* mas, é na parte III⁸⁷ que introduz o tema do jogo para dar conta que no ano de 1935 o Governo decidira acabar com o exclusivo do jogo de *fantan* e que, no ano anterior, se tinha iniciado a lotaria *chee tam*. Sobre esta lotaria refere que ‘fazia estragos consideráveis nas parcas economias da gente de Macau, portugueses e chineses’,⁸⁸ tendo ‘efeitos desastrosos na população. Toda a gente jogava, velhos, adultos e crianças. Famílias ficaram reduzidas à miséria, houve casos de falência, lares desfeitos, casos de loucura, divórcios e suicídios’.⁸⁹

Tal como em *Os Dores*, também nesta obra a Rua Central aparece como a rua chique que albergava as lojas dos mouros para onde se iam ver as novidades aos domingos, depois da missa das onze na Freguesia da Sé. Por outro lado, a Areia Preta era um local sossegado onde se podia desfrutar do ar da praia, tendo sido o local escolhido para a construção do Edifício da União Recreativa (1933). O isolamento das ilhas⁹⁰ é referido na imprensa portuguesa de Macau, destacando-se os artigos de António de Santa Clara pela excelência e ironia da sua escrita.

IMPACTO DO CINEMA NA SOCIEDADE DE MACAU

A fita ‘*The Perils of Pauline* (*Os Perigos de Paulina*)’, filme de episódios ou de série,⁹¹ com estreia no mês de Julho de 1915, ‘conquistou o público macaense para o cinema’ e ‘toda a cidade acompanhava, com o coração nas mãos, as peripécias e as atribuições de Paulina’,⁹² discutindo-se ‘o filme em toda a parte, nas ruas, nos

CENTENARY COMMEMORATION OF HENRIQUE DE SENNA FERNANDES'S BIRTH

adros das igrejas ao domingo, nos serões familiares, por entre partidas de Bafá e de Gamão, nos clubes e nas barracas de praia'.⁹³

Douglas Fairbanks foi um actor que influenciou 'a rapaziada de Macau'⁹⁴ que improvisava espadas para imitar as cenas dos filmes por ele protagonizados, sendo também o responsável pela atracção do 'chinês de Macau, até então fiel aos prazeres do bazar e dos autos do *Cheng Peng*, para o cinema. Ele e Charlie Chaplin'.⁹⁵

Rudolph Valentino (*Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse*) revela ao público de Macau o tango, fazendo nascer 'o furor do tango nesta cidade e a sua permissão de entrada no salão de baile do Clube de Macau'.⁹⁶ Os homens, para encarnar o papel de sedutor, passaram a pentear-se, vestir-se, sorrir e gesticular à Valentino, então, considerado com um símbolo de masculinidade.

Sem dúvida que o cinema influenciou o ritmo dos dias de Macau daquela época, tendo o autor afirmado, a propósito do cinema mudo que '[n]este desfolhar de recordações sobre actores e filmes que mais impressão deixaram em Macau no tempo do mudo, sentimos a nostalgia de uma época fácil e despreocupada em que o cinema fazia parte integrante da nossa vida, como entretenimento número um'.⁹⁷ Também revela a sensibilidade do público de Macau usando expressões como: 'muito se chorou', 'provocou tantas lágrimas',⁹⁸ 'não houve olhos enxutos'⁹⁹ e 'filmes de lágrimas, de ternura e de pura evasão'.¹⁰⁰ Mas com o fim das guerras, o público começou a desinteressar-se por este tema e 'os filmes de guerra começaram a perder dinheiro'.¹⁰¹ Houve depois uma fase em que o público aderiu aos filmes sobre aviação, os quais levaram a que os jovens sonhassem e que alguns tivessem mesmo seguido carreiras na aviação.

No entanto, apesar da progressiva adesão ao cinema, as outras formas de arte, como as récitas no Teatro D. Pedro V, não perderam público, registando-se o ano de 1932 como um dos seus pontos altos, com 'uma temporada que reputamos de ouro'.¹⁰²

O cinema caminhou lado a lado com os grandes acontecimentos mundiais, tendo-se estes reflectido em filmes, como o caso das guerras que foram o enredo de várias películas cinematográficas. HSF relata-nos os efeitos que os filmes sobre a guerra tinham no público e também como os filmes e as récitas foram o pretexto para angariação de fundos para os Bombeiros ou para a Cruz Vermelha (lucro de algumas sessões do Vitória), tanto em Macau como na comunidade portuguesa de Hong Kong.

Relativamente ao ano de 1931 considera que este foi 'tão dramático em acontecimentos e tão importante para a história política do Extremo Oriente' e 'com promessas de um futuro auspicioso para Macau',¹⁰³ o que, no seu conjunto e pela dimensão dos empreendimentos registados nessa época, representava sinais da modernização de Macau.

E, também quanto a Hong Kong vivia-se uma 'prosperidade surpreendente, especulando-se ferozmente na Bolsa, em jogo desenfreado' com as pessoas de Macau também a jogar nas acções 'forte e feio',¹⁰⁴ sendo impressionante que muito poucos alertassem para a crise mundial que grassava desde 1929. Mas há dois acontecimentos que foram vistos como presságios de que algo de muito mau estaria para acontecer: um é o inesperado e violento tufão, que em 19 de Abril de 1931 'desabou sobre a cidade e cercanias, precisamente no dia seguinte à inauguração do Capitol e quando no Vitória se estreava o *Sunny Side Up*'.¹⁰⁵ 'Jamais porém houve memória dum furacão que caísse sobre a cidade desprevenida e o mar à sua volta com a fúria destruidora daquele. [...] Durante algumas horas, a cidade morreu, num transe aflitivo'.¹⁰⁶ Outro acontecimento anunciador de mais desgraças foi a explosão do Paiol da Guia no dia 13 de Agosto do mesmo ano. Tudo isto, principalmente no entender da superstição chinesa, anunciava graves acontecimentos económicos e políticos, mas tudo voltou à normalidade com as acções da Bolsa de Hong Kong em contínua subida e as obras do Hipódromo e

COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES

do Canídro em fase de conclusão. Em 28 de Janeiro de 1932, ocorreu o bombardeamento de Shangai pelas forças japonesas. ‘As notícias chegam a Macau e são profundamente sentidas’,¹⁰⁷ mas havia esperança que as potências estrangeiras defendessem as suas concessões e tudo regressasse ao normal, voltando a reinar o optimismo e daí se ter festejado ruidosamente o Ano Novo Chinês e o Carnaval do ano referido.

É também em 1932 que o Capitol apresenta *Chapei-Shangai*, um filme documentário produzido na China, que atrai a população chinesa que faz bicha para ir vê-lo, tendo-se também Macau entretido com o circo que visitou a cidade e, em 21 de Fevereiro, com a inauguração da nova sede da Associação Comercial que reuniu ‘as duas comunidades para uma taça de champanhe’.¹⁰⁸

Fevereiro de 1932 traz o caos a Macau com o aparecimento dos primeiros casos de meningite cerebrospinal; ‘[s]e toda a cidade em conjunto se curvou alguma vez a um terror colectivo, foi desta vez’.¹⁰⁹ Só em Abril é que a epidemia se dissipou e em Maio respirou-se de alívio, mas nessa altura Shangai estava sob ataques dos Japoneses, o que leva a uma crise económica ‘tremenda’¹¹⁰ e muitas pessoas ficaram arruinadas. Fortunas macaenses desapareceram ou sofreram profundas quedas e isso também aconteceu com algumas famílias portuguesas de Macau, de Hong Kong e de Shangai. Muitos dos empreendimentos anteriormente planeados foram adiados ou nunca chegaram a sair do papel, e corridas de cães e de cavalos, que antes tinham atraído ferries carregados de passageiros vindos de Hong Kong, perderam os seus principais públicos provenientes da ‘terra China’ e da cidade de Hong Kong.¹¹¹ ‘O ano de 1932 foi, numa palavra, um ano desastroso para Macau e para a paz do Extremo Oriente’¹¹² e daí a comunidade cristã se ter juntado na procissão de 13 de Maio de 1932, muito emotiva por considerarem ter sido a Virgem Maria a evitar que a epidemia tivesse tido piores consequências e o bazar se concentrar, no dia 21 do mesmo mês, na

‘grande procissão budista, caracteristicamente ruidosa e colorida’¹¹³ de agradecimento, a que assistiram, da varanda do Leal Senado, o Encarregado do Governo e outras autoridades, tendo presenciado este evento cerca de dez mil pessoas.

Em 1934 um filme veio agitar a sociedade de Macau: ‘[I]ntitulava-se *Modern Womanhood*, que os anúncios traduziram para português *A Mulher Moderna*’, produzido por uma empresa russa, tendo corrido ‘pela cidade que a película estava recheada de escabrosidades e indecências’. Os anúncios do filme pelo Vitória diziam ser ‘um filme educativo’, acrescentando que ‘não é permitida a entrada a menores’.¹¹⁴ A exibição desta fita foi muito concorrida, mas houve quem se escandalizasse. Aliás, o mesmo tinha acontecido anteriormente com alguns filmes americanos, afirmando-se que se deveria ter cuidado com a nova moralidade de Hollywood.

AS FONTES DA OBRA

A obra *Cinema em Macau* tem por base três tipos de fontes, explicitamente referidas pelo próprio autor: pesquisas realizadas nos jornais locais da época a que a narrativa se reporta, estando o texto permeado de recortes de notícias e boletins informativos elucidativos das situações e dos factos descritos; a sua memória, ‘vêm-nos à memória alguns acontecimentos de 1933 que julgamos interessarem aos nossos leitores’;¹¹⁵ e, relato de factos que ouviu de terceiros, por vezes sem os identificar, como quando afirma ‘[o] nosso juízo é apenas formado pelo que ouvimos de pessoas’,¹¹⁶ ‘Informam-nos os coevos’,¹¹⁷ ‘a história foi-me contada por terceiros’.¹¹⁸ De acrescentar que algumas vezes se lamenta pela carência de fontes fidedignas e nessa situação ‘preferimos não desenvolver mais esta matéria’.¹¹⁹

HSF está também atento ao que se passa em Hong Kong, referindo serem aí publicados alguns ‘semanários portugueses’, como *O Porvir* e *O Português*, referindo ali residir uma ‘enorme comunidade’¹²⁰ de matriz

CENTENARY COMMEMORATION OF HENRIQUE DE SENNA FERNANDES'S BIRTH

portuguesa com relevância social. Apresenta excertos de jornais para ilustrar factos descritos, lamentando a falta de notícias sobre certos acontecimentos ou tecendo comentários sobre as próprias notícias, como 'o mesmo jornal escreve secamente'.¹²¹ Outros jornais consultados e publicados em língua portuguesa são: *A Verdade*, *O Progresso*, *Oriente Português*, *O Macaense*, *O Combate*, *Jornal de Macau* e *A Pátria*.

Fala na proliferação das Revistas de cinema, das quais certamente se serviu, nomeadamente quanto ao elenco artístico dos filmes e outros pormenores, referenciando exemplificativamente a *Photoplay* e a *Screenland*¹²² a propósito da publicidade feita ao filme *Rose Marie*, em que contracenaram como principais protagonistas Nelson Eddy e Jeanette MacDonald.

De relance, mas sem fazer qualquer citação, ao falar do *Cheng Peng* (teatro auto-China) diz que este é 'referido por Adolfo Loureiro e Venceslau de Moraes em *Traços do Extremo Oriente*,¹²³ não indicando nenhum livro ou artigo de Adolfo Loureiro, apesar de este ter uma vasta obra e de ter escrito sobre Macau.

HSF também afirma que havia um certo esmero na redacção dos anúncios e dos programas,¹²⁴ e por isso vai transcrevendo alguns deles no decurso da sua narrativa.

Em síntese, podemos afirmar que ao contrário da maioria dos outros escritos do autor neste caso nada é ficcionado, tentando a narrativa ser feita com base em fontes documentais (jornais, revistas, anúncios, programas, testemunhos de pessoas que vivenciaram os factos ou na própria experiência do autor e nas suas memórias). Assim sendo, há um realismo espaço-temporal. Assume por vez ter sido *A Voz de Macau* a sua 'grande fonte de informação'¹²⁵ e como durante o ano de 1935 este jornal deixou de publicitar os filmes teve que recorrer à sua memória e ao que lhe era contado por terceiros.

ESTILO E ESTRATÉGIAS NARRATIVAS

O *Cinema em Macau* está dividido em três

partes: Parte I — O Tempo do 'Mudo'; Parte II — A Emoção do Sonoro: 1930–1931; Parte III — 1932–1936, reflectindo esta estrutura formal um apego quase atávico ao seccionamento da crónica em compartimentos, umas vezes temáticos, outras vezes temporais, não se encontrando harmonia na escolha dos títulos das diferentes partes. Este esquema, constante na obra de HSF, reflecte-se na utilização de separadores, para dividir os assuntos, escrevendo por exemplo 'No capítulo do desporto',¹²⁶ 'No capítulo do cinema',¹²⁷ 'Volvendo ao nosso tema',¹²⁸ com o claro intuito de alertar para o facto de estar mudando de tema.

HSF desempenha os papéis de cronista e, em algumas das acções relatadas, até mesmo de actor. Isso não difere dos contos e romances. Ele assume que, apesar de se tratar de uma pesquisa sobre cinema, não deixa de entrelaçar a narrativa com histórias que ele acredita serem do interesse do leitor.

Transparece nesta obra uma estratégia de comparação clara entre a situação de Macau e de Hong Kong, ressaltando que a colónia vizinha atraía os residentes de Macau às suas salas de cinema, relatando o caso da sua própria família adrede se ter deslocado a Hong Kong para assistir a um filme, *Marianne*, bem como o de dois casais que num só dia viram quatro filmes, ressaltando que isto era algo praticado por muitas pessoas de Macau e de Hong Kong.¹²⁹

Procura fundamentar as suas asserções citando, quase sempre da imprensa escrita, expressões como '[n]ão estamos a exagerar. Para corroborar a nossa opinião, transcrevemos uma página da *Tribuna do Leitor*, de 17 de Agosto de 1935, de *A Voz de Macau*'.¹³⁰

No contexto do *Cinema em Macau*, HSF opta por uma narrativa linear dos eventos, seguindo uma ordem cronológica e detalhando os momentos, frequentemente referenciados por anos, meses, dias e até horas em que os fatos ocorreram. Isso se estende tanto à cidade de Macau quanto a Hong Kong e ao cenário internacional, a fim de contextualizar os

COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES

eventos mais significativos e os filmes que tiveram um grande impacto, tornando a obra um importante documento histórico.

Ao longo da narrativa encontra-se uma riqueza e abundância de marcadores temporais, como é disso exemplo o primeiro parágrafo da obra: ‘Macau conheceu o cinema, já na primeira década do século passado, cerca de uma dúzia de anos depois dos irmãos Lumière, em 1895, inventarem a primeira máquina de projecção de fotografias em movimento. [...] quando, na Cidade do Nome de Deus, foi instalada a iluminação eléctrica.’¹³¹

No estilo de escrita ressalta o recurso às palavras (ou expressões) em patuá como, *tai-páns lorgnon*, ‘*Ai, qui igual Jesus!*’, ‘*Qui amochai!...*’, *patois*, ‘*falava patois retinto*’, ‘*Quim querê comprá Alua? Fiado cerzi mêa! Ginête cornesstach!*’.¹³² Por várias vezes usa expressões em Inglês quando podia ser facilmente usada a palavra correspondente em português, como *team* ou *talkies*. E também utiliza francesismos, como por exemplo, *soirée-cotillon*, *micarême*,¹³³ mas pensamos que neste e noutros casos fez bem, porque esses termos eram, na altura, de uso corrente na gente bem da cidade cristã, que nos seus jantares de cerimónia recorria à cozinha francesa, chegando até a apresentar as ementas em francês ou num misto de português e francês.

Podemos encontrar também expressões típicas de Macau como ‘filho da terra’, ‘terra China’, ‘teatro auto-China’, bem como expressões idiomáticas e termos ou expressões da linguagem oral e familiar como ‘nababo’,¹³⁴ ‘a talho de foice’, ‘mexer uma palha’,¹³⁵ ‘comes e bebes’,¹³⁶ ‘banho de água fria’.¹³⁷

Há uma abundância de expressões e de nomes próprios (ruas, cinematógrafos) em cantonense, transcrição fonética, apenas alguns com a sua tradução para português, como *kai si fan* (arroz de galinha), entre muitos outros.

Ao longo de toda a narrativa, para se referir a ele próprio recorre ao uso do plural majestático: ‘Ainda nos lembramos [...] Visitámos [...] Na nossa memória

[...],’¹³⁸ ‘vimos, éramos, andávamos, o nosso pai, nunca mais o esquecemos’,¹³⁹ ‘Quanto a nós, o filme deixou-nos [...]’,¹⁴⁰ entre os muitos exemplos que abundam no texto. Ao que julgamos saber é situação única na escrita de HSF em que tal acontece, talvez sinalizando algum aspecto da personalidade de HSF referente ao tempo em que escreveu estas crónicas.

A utilização da primeira pessoa do plural majestático, em vez da primeira pessoa do singular, mais comum e mais modesto, está presente em toda a narrativa. HSF estaria ainda em momentos dos seus verdes anos quando escreveu estas crónicas de Macau com epicentro no nascimento e desenvolvimento da exibição dos produtos da sétima arte. É utilizado o recurso à narração da sua própria experiência¹⁴¹ e dá a sua opinião sobre os diversos assuntos, ressaltando o uso de uma abundante adjectivação, revelando-se um autor-narrador onisciente. Na nossa opinião, a abundância de adjectivos pode contribuir para maquilhar a realidade, chegando até a distorcê-la, o que não nos parece ser o caso.

Para dar ênfase ao impacto dos eventos na sociedade, faz uso da enumeração ‘Toda a gente jogava, velhos, adultos e crianças. Famílias ficaram reduzidas à miséria, houve casos de falências, lares desfeitos, casos de loucura, divórcios e suicídios’.¹⁴² Uma outra estratégia narrativa consiste em apresentar a sua própria opinião sobre os vários acontecimentos, como a propósito da discussão sobre a instalação da electricidade congratula-se que tenha prevalecido ‘a vontade de progresso’ e que ‘em 1905 já havia em Macau luz eléctrica a alumiar parte das ruas e algumas casas particulares’.¹⁴³ Sobre o Edifício dos Correios e Telégrafos, classifica-o como uma obra imponente para a época e critica o facto de ter um estilo arquitectónico pesado em contraste com a leveza dos restantes edifícios do Largo do Senado.

Embora não se assumindo como crítico de cinema, emite a sua opinião sobre filmes a que ele próprio assistiu ou de acordo com o seu impacto na

CENTENARY COMMEMORATION OF HENRIQUE DE SENNA FERNANDES'S BIRTH

imprensa escrita. Não se escusa a ter opinião acerca dos actores, dos seus desempenhos e reacções do público.

O recurso à repetição de temas é evidente, como Carnaval, desporto (nomeadamente hóquei, ténis e futebol), pesca, caça, passeios 'fora de portas', piqueniques, espectáculos musicais e outros eventos culturais, parecendo indiciar que há assuntos por ele considerados essenciais para a caracterização de Macau, ou que tal se deve ao facto de se tratar de crónicas relativas a um tempo alargado e inicialmente publicadas em fascículos.

BREVE NOTA CONCLUSIVA

A obra *Cinema em Macau* tem como objectivo apresentar os resultados da investigação sobre o impacto do cinema na sociedade de Macau, sendo um estudo em que não se regista um distanciamento do investigador relativamente ao objecto em estudo, assumindo-se o autor (e investigador) como um participante privilegiado, que para além da própria vivência apresenta ainda a sua opinião sobre os factos estudados. O *Cinema em Macau* é uma obra com valor indiscutível para o conhecimento do passado de Macau e para a caracterização da sociedade macaense nas primeiras décadas do século XX, seguindo um estilo de escrita narrativa em linha com a sua restante obra publicada até aos dias de hoje,¹⁴⁴ mas com algumas frases de discutível boa redacção, de que destacamos apenas um exemplo, quando escreve 'num pobre riquexó estava um rapaz rígido, que era levado lentamente pelo condutor, mais morto que vivo, mas naturalmente bem pago'.¹⁴⁵

Ao abordar uma diversidade de temas, o *Cinema em Macau* constitui-se como mais uma peça de escrita documental, integrando uma obra que, como afirma Puga,¹⁴⁶ é um repositório da 'dimensão plural' das temáticas da literatura macaense, permitindo uma infinidade de leituras e abordagens. É uma obra densa de temas e informações que facilmente poderá ser

dividida em duas: o cinema e a vida social de Macau, duas narrativas que correm lado a lado e se cruzam e reciprocamente se influenciam, tendo sempre como referência o que se estava a passar, a nível político, económico e social no contexto internacional.

Apesar da obra analisada ser ainda relativamente pouco conhecida consideramos que é uma peça de escrita essencial para entender o estilo de HSF presente nos romances e contos, ideia defendida por Brookshaw,¹⁴⁷ quando afirma que o autor viveu na época em que surgiram 'os grandes filmes de Hollywood', os quais influenciaram a sua escrita, levando a que as histórias contadas por HSF se assemelhem a filmes.

Henrique de Senna Fernandes registou em crónicas o tempo de Macau vivido nas três primeiras décadas do século XX, um Macau que já só existe na memória fixada pela arte, seja a escrita, a fotografia, a pintura, o filme ou outra.

No *Cinema em Macau* a vida na cidade é visionada pelas lentes de um membro da cidade cristã, um elemento da comunidade macaense de uma família com elevado estatuto social, pelo que afirmações como 'naquele maravilhoso Outono de 1931, nada parecia abalar a confiança no futuro de Macau. A vida era baratíssima',¹⁴⁸ devem ser relativizadas. Por isso, algumas destas visões idílicas podem ser questionadas como não abarcando toda a sociedade, mas apenas o seu estrato privilegiado.

E nesta perspectiva este escritor é um guardião da memória do Macau letárgico e aparentemente desligado do mundo que o rodeava, ensombrado por convulsões políticas e militares na China e a emergência de totalitarismo no mundo. O registo de HSF gravou ambientes, com expressões, aforismos e hábitos de um tempo que não volta mais, e daí a maior importância desta obra com uma redacção simultaneamente elegante e erudita e ao mesmo tempo de leitura fácil e inteligível.

Pese embora este seja um relato quase exaustivo dos cinematógrafos, filmes e actores que marcaram

COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES

Macau num determinado período histórico, a análise desta obra permite-nos ainda afirmar que o próprio autor viveu intensamente esta época do cinema e que só não desenvolveu mais a narrativa porque, tal como

ele próprio afirma, no âmbito das crónicas não lhe foi possível tratar todos os filmes, tendo optado por registar principalmente os que mais impressionaram o público. 

NOTAS

- 1 Para esta divulgação muito tem contribuído o Governo da Região Administrativa Especial de Macau, através do Instituto Cultural de Macau, ao publicar e republicar as obras quer na versão original quer na sua tradução para a língua chinesa. De ressaltar o impacto dos trabalhos de investigação apresentados por investigadores (docentes e discentes), sobretudo após a criação do ensino superior em Macau no início da década de 90 do século XX, os quais têm vindo a publicar os seus resultados de investigação em livros, revistas científicas e em artigos de jornais. No entanto, segundo o artigo de Andreia Silva no *Hoje Macau*, muitos eruditos consideram que há ainda muito por estudar; Andreia Sofia Silva, “Henrique de Senna Fernandes, o Autor que Falta Traduzir e Estudar,” *Hoje Macau*, 11 de Outubro de 2020.
- 2 O Instituto Cultural de Macau tem vindo a envidar esforços e a investir na divulgação, tradução e publicação das obras de Henrique de Senna Fernandes, em português e chinês. A obra em análise *Cinema em Macau — Desde o Início do Século XX até à Década de 30*, editada pelo Instituto Internacional de Macau, tem versões em português e inglês.
- 3 Doravante referido no âmbito deste artigo como *Cinema em Macau*, sendo indicada apenas a página em que se encontram as citações inseridas ao longo do artigo.
- 4 A revista *Confluência* era um órgão de informação da Associação para a Defesa dos Interesses dos Macaenses (ADIM), uma organização política de matriz democrata cristã que chegou a eleger deputados nos pós 25 de Abril de 1974.
- 5 A versão portuguesa: Henrique de Senna Fernandes, “O Cinema em Macau — O Tempo do ‘Mudo’ I,” *Revista de Cultura* (Edição Portuguesa), n.º 16 (Outubro–Dezembro 1991): 31–61; Henrique de Senna Fernandes, “O Cinema em Macau II — 1930–1931 — A Emoção do Sonoro,” *Revista de Cultura* (Edição Portuguesa), n.º 18 (Janeiro–Março 1994): 183–216; Henrique de Senna Fernandes, “Cinema em Macau III (1932–1936),” *Revista de Cultura* (Edição Portuguesa), n.º 23 (Abril–Janeiro 1995): 133–170. A versão em inglês: Henrique de Senna Fernandes, “Cinema in Macao — The ‘Silent’ Years I,” *Revista de Cultura* (Edição Inglesa), n.º 18 (Janeiro–Março 1994): 153–183; Henrique de Senna Fernandes, “Cinema in Macao — Part II 1930–1931,” *Revista de Cultura* (Edição Inglesa), n.º 18 (Abril–Junho 1995): 145–182; Henrique de Senna Fernandes, “Cinema in Macao — Part III: 1932–1936,” *Revista de Cultura* (Edição Inglesa), n.º 18 (Abril–Junho 1997): 89–132. A versão chinesa: Henrique de Senna Fernandes, “澳門電影歷史 ‘默片時代’ (O Cinema em Macau: O Tempo do ‘Mudo’),” *Revista de Cultura* (Edição Chinesa), n.º 17 (1993): 133–159; Henrique de Senna Fernandes, “澳門電影歷史: 有聲影片時期 (O Cinema em Macau — A Emoção do Sonoro),” *Revista de Cultura* (Edição Chinesa), n.º 23 (1995): 117–184.
- 6 Jorge A. H. Rangel, *Falar de Nós: Macau e a Comunidade Macaense — Acontecimentos, Personalidades, Instituições, Diáspora, Legado e Futuro*, vol. II (Macau: Instituto Internacional de Macau, 2006).
- 7 Henrique de Senna Fernandes, *Nam Van: Contos de Macau*, 2.ª ed. (Macau: Instituto Cultural de Macau, 1997), 11.
- 8 Senna Fernandes, “Cinema em Macau III,” 146.
- 9 Senna Fernandes, *Nam Van*, 172–173.
- 10 Henrique de Senna Fernandes, *Cinema em Macau: Desde o Início do Século XX até à Década de 30* (Macau: Instituto Internacional de Macau, 2010), 69.
- 11 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 74.
- 12 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 113.
- 13 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 10.
- 14 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 11.
- 15 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 12.
- 16 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 69.
- 17 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 87–91.
- 18 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 93.
- 19 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 96.
- 20 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 95.
- 21 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 208–209.
- 22 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 209.
- 23 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 15.
- 24 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 19.
- 25 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 13.
- 26 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 190.
- 27 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 15.
- 28 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 98.
- 29 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 104.
- 30 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 124.
- 31 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 26–27.
- 32 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 26.
- 33 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 105.
- 34 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 130.

CENTENARY COMMEMORATION OF HENRIQUE DE SENNA FERNANDES'S BIRTH

- 35 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 133.
- 36 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 9.
- 37 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 32.
- 38 José Simões Morais, "Acontecimento da Ponte Chip Seng em 1922," *Hoje Macau*, 31 de Maio de 2022, <https://hojemacau.com.mo/2022/05/31/acontecimento-da-ponte-chip-seng-em-1922/>.
- 39 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 30.
- 40 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 69.
- 41 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 69.
- 42 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 71.
- 43 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 71.
- 44 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 69.
- 45 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 73.
- 46 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 79.
- 47 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 12.
- 48 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 74–75.
- 49 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 77.
- 50 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 76.
- 51 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 74.
- 52 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 74.
- 53 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 78.
- 54 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 80–81.
- 55 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 93.
- 56 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 100.
- 57 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 57.
- 58 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 58.
- 59 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 14.
- 60 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 59.
- 61 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 57.
- 62 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 147.
- 63 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 147.
- 64 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 159.
- 65 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 127–128.
- 66 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 151.
- 67 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 135.
- 68 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 11.
- 69 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 26.
- 70 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 173.
- 71 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 51.
- 72 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 161, 164, 175–177, 180, 202–203, 227, 229.
- 73 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 139.
- 74 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 122.
- 75 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 117.
- 76 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 126.
- 77 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 130.
- 78 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 203.
- 79 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 216.
- 80 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 218.
- 81 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 220.
- 82 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 139.
- 83 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 27.
- 84 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 120.
- 85 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 155.
- 86 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 220.
- 87 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 210–216.
- 88 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 211.
- 89 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 215.
- 90 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 168.
- 91 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 22.
- 92 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 22.
- 93 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 23.
- 94 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 40.
- 95 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 41.
- 96 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 47.
- 97 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 56.
- 98 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 54–55.
- 99 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 56.
- 100 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 174.
- 101 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 52.
- 102 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 151.
- 103 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 113.
- 104 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 113.
- 105 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 114.
- 106 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 115.
- 107 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 148.
- 108 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 152.
- 109 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 154.
- 110 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 156.
- 111 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 157.
- 112 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 157.
- 113 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 157.
- 114 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 174.
- 115 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 168.
- 116 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 126.
- 117 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 157.
- 118 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 213.
- 119 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 39.
- 120 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 128.
- 121 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 102.
- 122 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 222.
- 123 Traços do Extremo Oriente, obra de Wenceslau de Morais, editada pela primeira vez em 1895, que descreve as primeiras sensações do autor no seu contacto com as terras e as gentes que foi conhecendo nas suas viagens por toda a Ásia, destacando Macau, a China e o Japão; Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 13.
- 124 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 63.
- 125 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 205.
- 126 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 74.
- 127 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 174–200.
- 128 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 98.
- 129 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 95–97.
- 130 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 215.
- 131 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 9.
- 132 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 144.
- 133 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 181.

COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES

- 134 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 214.
135 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 168.
136 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 237.
137 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 198.
138 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 79.
139 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 96.
140 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 98.
141 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 212.
142 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 215.
143 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 10.
144 De notar que ainda existem inéditos por publicar, como *O Pai das Orquídeas* anunciado pelo próprio autor e confirmado por Miguel de Senna Fernandes que tem vindo a destacar a dificuldade em publicar esta obra pelo facto de HSF ter deixado várias versões sem indicar qual a versão que pretendia publicar.
145 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 155.
146 Silva, “Henrique de Senna Fernandes.”
147 Silva, “Henrique de Senna Fernandes.”
148 Senna Fernandes, *Cinema em Macau*, 136.

BIBLIOGRAFIA

- Leitão, Lúcia. “Os Loucos Anos do Cinema.” *Revista Macau* (Fevereiro 2015): 65–73.
Morais, José Simões. “Acontecimento da Ponte Chip Seng em 1922.” *Hoje Macau*, 31 de Maio de 2022. <https://hojemacau.com.mo/2022/05/31/acontecimento-da-ponte-chip-seng-em-1922/>.
Rangel, Jorge A. H. *Falar de Nós: Macau e a Comunidade Macaense — Acontecimentos, Personalidades, Instituições, Diáspora, Legado e Futuro*. Vol. II. Macau: Instituto Internacional de Macau, 2006.
Senna Fernandes, Henrique de. *Amor e Dedinhos de Pé*. Macau: Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau, 2012.
———. “Cinema em Macau III (1932–36).” *Revista de Cultura* (Edição Portuguesa), n.º 23 (Abril–Janeiro 1995): 133–170.
———. *Cinema em Macau: Desde o Início do Século XX até à Década de 30*. Macau: Instituto Internacional de Macau, 2010.
———. *Cinema in Macau: From the 1900s to the Mid 30s*. Macau: Instituto Internacional de Macau, 2010.
———. *Mong-Há*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1998.
———. *Nam Van: Contos de Macau*. 2.ª ed. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1997.
———. *Os Dores*. Macau: Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau, 2012.
———. *A Trança Feiticeira*. Macau: Fundação Oriente, 1993.
Silva, Andreia Sofia. “Henrique de Senna Fernandes, o Autor que Falta Traduzir e Estudar.” *Hoje Macau*, 11 de Outubro de 2020.

CENTENARY COMMEMORATION OF HENRIQUE DE SENNA FERNANDES'S BIRTH



Fotografias de peças de teatro na Escola Comercial Nolasco da Silva. Arquivo da família Senna Fernandes.